

**MANUEL QUERINO: O NEGRO COMO FATOR DE CIVILIZAÇÃO.** Carlos Antonio dos Reis, Márcia Regina Capelari Naxara. – História – Departamento de História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Câmpus de Franca.

O século XIX, sobretudo em suas décadas finais, apresentava-se ao Brasil de maneira agitada e turbulenta. A vitalidade da Monarquia e da escravidão, instituições sobre as quais o Estado e a sociedade brasileira até então se assentavam, passa a ser questionada. Temas como a República, a abolição e a transição para o trabalho assalariado tornaram-se recorrentes e, independente do teor ideológico das discussões suscitadas, as falas refletiam uma preocupação maior, qual seja, a modernização do país. O Oitocentos brasileiro, configura-se então, como um cenário de intensa circulação de idéias em que se buscou respostas para questões fundamentais quanto ao entendimento do Brasil como nação em formação e em busca de uma identidade para sua população (povo). Entendemos que, tanto as obras de intelectuais como as da literatura, constituem terreno fértil para a análise das diversas representações do nacional estabelecidas naquele período.

Diante dessa modernidade iminente e de um progresso necessário, pensar o Brasil/Nação e os brasileiros/Povo constituía tarefa complicada, devido à heterogeneidade racial da população, a uma história de desigualdades e de estratificação social, legado de um passado colonial. Era preciso, portanto, criar no país as condições necessárias para se representar à nacionalidade, inserindo-o dentro dos moldes de civilização européia e norte-americana, naquela época, referências de progresso. Frente a esse desafio coube aos homens letrados do Brasil, tanto na historiografia, na literatura, como na imprensa – apesar das suas diferentes orientações: ideais positivistas, o biologismo de Darwin, o evolucionismo de Spencer, o determinismo de Taine, os estudos sobre o meio e o clima de T. Buckle e a criminologia de Lombroso, para citar algumas – a constituição de um imaginário capaz de conferir identidade ao nacional, busca essa situada por diversos autores sobremaneira a partir dos anos de 1870 até as três primeiras décadas do século XX.

Partimos para nossa apresentação, portanto, da seguinte perspectiva: na transição do século XIX para o XX, muitos intelectuais brasileiros se filiaram a proposições científicas de cunho racista para construir seu pensamento social. A grande maioria dessa produção baseava-se em postulados “científicos”, recorrendo a experiências da biologia em suas considerações sobre o meio e a raça, para o estabelecimento de modelos de civilização e progresso dos povos na formação das nações. A partir da utilização de explicações mesológicas, temos uma grande circulação de ideais racistas na literatura e na historiografia brasileiras do período, atribuindo aos processos de formação racial as origens dos males e do “atraso” do Brasil.

Ou seja, em outras palavras, o que se colocava era como conciliar a presença de uma população essencialmente negra ou mestiça, por isso indesejada, nesse processo de consolidação de uma possível identidade nacional, pensada a partir das elites brancas? Na maioria dos autores, influenciados pelas máximas do darwinismo social, a tendência foi sobrepor a figura do branco, muitas vezes idealizada, frente aos demais tipos étnicos. Negros e mestiços foram gradativamente alijados das esferas sociais e colocados como inferiores nas variadas representações constituídas a cerca do brasileiro.

Na contramão desses pensadores a obra de Manuel Querino (1851/1923), foco central de nossa pesquisa, se apresenta como uma forma de oposição e resistência a esse tipo de explicação, procurando valorizar a presença da cultura na formação da nação, sobretudo da cultura negra, por vezes depreciada por outros pensadores do momento.

Manuel Querino reuniu em sua obra uma série de “sobrevivências africanas” – nas palavras de Arthur Ramos – para a construção do Brasil e, para, além disso, foi um participante ativo do movimento abolicionista baiano. Sua obra, contudo, permaneceu marginalizada e colocada num segundo plano, provavelmente porque não tinha o caráter erudito e o rigor científico tão almejados na época. Nossa principal fonte será a compilação realizada e prefaciada por Arthur Ramos, no ano de 1938: *Costumes Africanos no Brasil*, onde estão reunidos os principais escritos de Manuel Querino, além de outros textos como *A Raça Africana*, *A Bahia de Outrora* e *O Colono Preto como fator de civilização*. No mais será trabalhada também a bibliografia que se dedicou ao estudo da temática racial no Brasil daquele período. A

análise dar-se-á basicamente de forma comparativa, contrapondo o posicionamento de Manuel Querino com as obras de dois outros expressivos autores contemporâneos a ele, que também registraram a temática ora proposta em seus escritos: o crítico literário Silvio Romero e o médico Nina Rodrigues.

O interesse de Manuel Querino em reforçar a presença negra na construção do país provinha, certamente, de suas desilusões com o estado de abandono em que esta camada da população se encontrava, principalmente num momento em que as massas nacionais reivindicavam para si um lugar de maior destaque, tanto no mercado de trabalho, dada a abolição do trabalho escravo e a grande presença de trabalhadores estrangeiros, quanto, num sentido mais geral, o “povo” lutava por um maior espaço de representação e participação nas esferas políticas do poder. Assim, Querino, através de sua militância e, principalmente, de sua produção intelectual se insurgia contra os projetos velados de uma República que não atendia ao povo e de uma mentalidade que via neste em geral e, no negro em particular, o fator que mais pesara para o atraso do país e vislumbrava, como caminho, uma nação branca à moda européia.

Nesse sentido sua obra afirma-se como resposta e, mesmo como uma resistência, aos constantes ataques que o negro recebia nas diversas representações que se edificavam em torno do nacional, rompendo com certos processos de construção que buscavam em referências da ciência determinista e racista do período, os parâmetros para descrever estas populações que traziam consigo as marcas de um passado que o progresso desejava apagar e esconder, inclusive fisicamente, ao, por exemplo, se afastar estas camadas indesejadas para longe dos espaços centrais da cidade, afim de “higienizá-los”, tornando-os menos populares – negros.

#### Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CORRÊA, Mariza. **As ilusões da liberdade – A Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil**. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra – representações do trabalhador nacional (1870/1920)**. São Paulo: Annablume, 1998.

QUERINO, Manuel. **Os costumes africanos no Brasil**. Org. e pref. por Arthur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Pref. de Afrânio Peixoto (3ª ed.). São Paulo: Nacional, 1894/1938.

ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. (7ª ed.) Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1888/1980.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. **Retrato em branco e negro – jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983/1999.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco – raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana.** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Bolsa: CNPq/PIBIC.